

# SOL

ANO - 1 N° 01 TERESINA, 09 DE NOVEMBRO DE 1979 Cr\$ 5,00 DIRETÓRIO CCHL

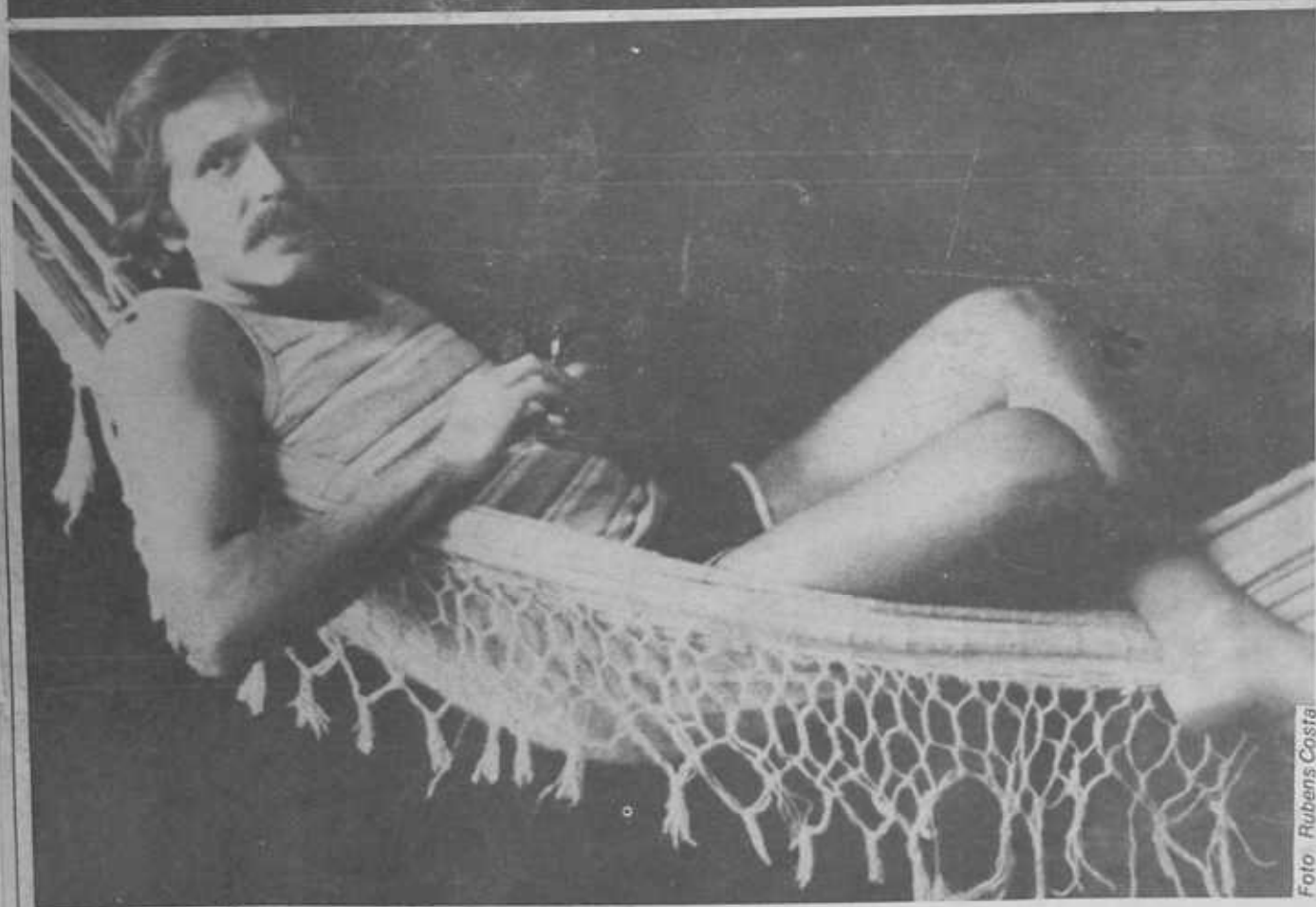


Foto Rubens Costa

## NORONHA

---

**A aristocracia dos médicos está falida ...**

# SOL

O Jornal "SOL", parido naturalmente da carência comunitária de um informativo, desprendido de envolvimento econômico, político e outros, que entorpece, prostrua a finalidade da imprensa.

O Jornal começou como outro jornal universitário: pintou uma porção de matéria e o Cacá Resende, que é o atual presidente do CCHL, junto com o Lawrence, o Gaguinho, o Fred Maia e o Marcos Venicius, apareceram na casa do Rubens, num sábado ensolarado qualquer, dizendo:

- Vamos fazer um jornal?
- Tudo bem. Prá quando?
- Prá terça-feira.

Terça-feira? Puta que o pariu!!!

E foi assim, num pique louco de trabalho, onde as idéias e as matérias iam aparecendo tão loucamente quanto nossas cabeças estavam no momento, que saía o primeiro SOL, o número 0, o começo.

O Durvalino chegou dando muito realce ao jornal, mas Chico Castro, Eugênia, Melha que deu nome ao SOL, O professor Wall Ferraz dizendo que de salário de fome só os patrões gostam, o Carivaldo de "O DIA", o pessoal da composição, e da revisão, o Silas batendo as teclas de sua infalível máquina de escrever e o SOL apareceu.

Nossa idéia é fazer um apanhado geral das manifestações de todos os grupos sociais de Teresina, do Piauí, do planeta terra, do sol, das galáxias, enfim, uma percepção do Universo a partir do espaço social que ocupamos. Portanto, o sol é claro: queremos veicular as informações, queremos dar voz aos setores marginalizados de nossa sociedade marginalizada: aos negros, aos poetas, aos profetas, aos políticos, aos músicos, aos bichas ou gays, aos índios e à grande maioria marginalizada: o esfomeado povo piaulense.

Fazer um jornal num estado de analfabetos pode parecer uma contradição. Mas é claro que há um vácuo cultural enorme em Teresina, que falta o veículo aglutinador e organizador de informações.

É neste espaço cultural que queremos atuar.

Diretor

Cacá Resende

Diretor Responsável

Rubens Costa

Diretor Administrativo

Marcos Venicius

Diretor de Publicidade

Gaguinho

Secretário Geral

José Wilson

Colaboradores deste Número

Fred Maia

Marcos Patrício

Silas Paranhos

Fátima Campos

Geraldo Brito

Durvalino

Cinéas Santos

Armando

Chico Castro

Assis Davis

José Ricardo

Clemente

Sol - Qual a tua transa com o Torquato?

Noronha - O Torquato foi meu colega de ginásio. Em 1960 eu fui para Fortaleza fazer o científico e ele foi para Salvador e continuamos nos correspondendo. Todas as férias a gente voltava para cá e só andávamos juntos. Então fui muito amigo dele até ele morrer. Quando ele chegou, meses antes da sua morte, passou maio, junho e julho aqui fazendo trabalhos juntos com a gente... Fizemos suplementos para jornais, "O Estado Interessante", fizemos o suplemento para a hora chamado "A Hora Fatal", depois que o Estado não aceitou mais a gente...

Sol - Porque a crise no nosso teatro?

Noronha - Para se falar em cultura, tem antes que se falar em dinheiro, porque o povo quer mesmo é comer, depois com o salário mínimo do jeito que está não dá para se fazer nada. Quem deveria fazer teatro não está fazendo nada, ou seja, a classe média. Quem se esforça mesmo só é a classe média baixa.

Sol - Mas quando se fala em dinheiro para cultura, no caso teatro, atinge diretamente o governo, mas parece que o governo não tem muito interesse em promover cultura...

Noronha - Mas vamos ver até que ponto não interessa para o governo. Por exemplo, a peça Rasga Coração, que o governo proibiu durante um certo tempo e quando é agora o governo financia a peça totalmente. Acho que interessa para o governo. O que acontece é que o estado não tem dinheiro mesmo.



## Eu acho uma carefice se querer falar a linguagem do povo

Sol - Andam dizendo por aí que você pretende ser prefeito de Monsenhor Gil. Que papo é este?

Noronha - Não tenho pretensão nenhuma de ser prefeito de Monsenhor Gil, o máximo que posso fazer em Monsenhor Gil, é no sentido da população tomar o poder que lhe pertence, tirar a mão de algumas pessoas que pensam que são as donas do poder...

Antônio José - (na mesa ao lado). Vamos sim, vamos entrar na política. Não vamos, Noronha?

Sol - Você acredita numa nova política de oposição no Piauí?

Noronha - Acredito.

Sol - Qual é a da Punaré?

Noronha - Nós queríamos possuir um organismo que nos desse condições de fazer movimentos culturais na cidade, e infelizmente nós não pudemos fazer muita coisa porque não temos dinheiro. Primeiro temos que equilibrar a empresa para podermos fazer coisas deste tipo, porque os sócios da Punaré, nenhum deles necessita do dinheiro da empresa para viver. Então a intenção da Punaré é esta: criar um organismo que fornecesse certos subsídios para proporcionar movimentos culturais. Daqui para o fim do ano é que vamos nos equilibrar financeiramente, mas mesmo assim já trouxemos Darcy Ribeiro, por exemplo.

Sol - Noronha, antes os caras comiam as meninas e elas botavam as mãos na cabeça, pensando assim: "Será que ele ainda me quer"? Hoje, parece que não os caras que não botando a mão na cabeça...

Noronha - Existe uma nova mentalidade da mulher piauiense. Por exemplo, a mulher de minha idade, 34 anos, não pressiona o marido para ir à cama, porque acha que é falta de respeito. Já com a mulher mais nova isto não acontece. Então o movimento

feminino é o seguinte, é um movimento de luta social. O que a mulher também quer é a independência econômica, mas infelizmente a mulher é burrificada a partir do nascimento, ele tem que ficar imbecilizado em casa para receber o príncipe encantado numa certa época de sua idade. Então movimento feminino é de puro cunho social.

Sol - O antigo governador do estado, o Dirceu, era médico e o atual também é. O que o primeiro fez e o que o segundo está fazendo em relação à melhoria da saúde no estado?

Noronha - Durante a gestão do Dirceu, as condições de saúde praticamente não mudaram, e do Lucídio a gente não pode dizer muita coisa, porque ele está começando agora. Ele tem um Secretário de Saúde bom, um homem de visão, que é o sanitarista Dr. Abner Brasil. Mas a gente ainda não tem subsídios para dizer que vai ser melhorada as condições da saúde. Mas ate agora eu não vi muita mudança não.

Sol - O atual Ministro da Saúde é piauiense, irmão do Dirceu. Você acha que isto vai melhorar as condições de saúde do estado, ou será que o poder realmente é inimigo do povo?

Noronha - Eu acho que eles poderiam melhorar as condições do povo, porém duvido muito porque política é política e não adianta porque é todo o contexto nacional, que está fodido, mesmo com o irmão do Dirceu. Veja, por exemplo, quem é o ministro do planejamento: o Delfim Neto, (risos) que fez o milagre brasileiro (entre aspas né?), apoiado no AI-5. E o que é que ele fez? Aumentou a concessão da renda e será que agora este homem agora vai se imbuir numa democracia de descentralização de renda? Vai desmanchar o que ele próprio construiu? E eu não sinto esta preocupação e se continua desse jeito não vai melhorar e sim vai de mal a pior. E a coisa está preta, mesmo porque foram 15 anos de sufoco, 15 anos em que não se falou nada, quinze anos em que não aconteceu coisa nenhuma, quinze anos em que as pessoas desaprenderam a discutir a conversar.

Sol - Sendo a subnutrição a causadora da grande maioria dos problemas ligados aos clientes da pediatria, o que você acha da frase do Gil quanto mais purpurina, quanto mais serpentina... Realça o que?

Noronha - Mas quando ele falou "quanto mais purpurina" ele dá um salto. É um processo que quanto mais purpurina melhor é pra se ter purpurina. Tem que passar por todo este processo aí. Você tem que ver as condições. O Joãozinho 30, da escola de samba Beija-Flôr, diz que quem gosta de miséria é intelectual, pobre gosta é de luxo. O intelectual de esquerda me pergunta se eu tenho um carro, se tenho uma casa, e isto não interessa pois eu quero isto para todos. Então, é um processo. Como o Caetano diz: "luxo para todos", o Gil quando disse isto não anula nada, muito pelo contrário, eu acho que ele acelerou o processo, ele quer que todo mundo tenha purpurina, e eu acho ótimo. Mas para isto tem que se passar por todo este processo de melhorar as condições de vida do povo para ele ter purpurina.

## O machão tem medo de vagina

Sol - Mas de qualquer maneira parece assim um grito de guerra extremamente pequeno burgues, cheirando a desbunde de barco só. Você acha que essa frase foi feita no intuito de virar bandeira no sentido em que ela é muito repetida. Você não acha proposital?

N - Não...

Sol - Você não acha ela meio ridícula? Noronha - Eu acho que é só a maneira de dizer as coisas, de ver o processo. A frase do Gil é tão séria como se você dissesse que ia dar comida para a população. Agora, a linguagem é que tem uma forma de classe média: É o que o Gil é? Eu acho é que ele tem mesmo é que deixar de falar pelo povo. Eu acho uma tremenda carefice querer falar a linguagem do povo. Quando

Caetano falou Odara aí o pessoal da esquerda começou a analisar o que significava Odara, até que acharam relação com arado, ao contrário. Para poder justificar, enquanto não é nada disto. Odara é a palavra Odara, sabe: é uma alegria...

Sol - Que você acha do Glauber dizer que os discursos do Geisel são mais importantes que os de Fidel, Mao e outros?

Noronha - Acho uma porralouquise- (risos)

Sol - E o Nelson Rodrigues, é mais quente do que o Reich?

Noronha - Eu sou mais Reich, apesar de que foi o Nelson Rodrigues quem revolucionou o teatro brasileiro. Não podemos esquecer que o Nelson é um dos maiores responsáveis pelo abasileiramento do teatro.

Sol - E como sexólogo, o que você acha do Nenson?

Noronha - Ele tem a preocupação do sexo mórbido.

Sol - Eu acho ele muito machista. Noronha - Principalmente quando ele diz que mulher gosta de apanhar...

Sol - Você tem algum cliente com problemas sexuais?

Noronha - Tenho por exemplo, uma cliente de três anos de idade que bota o maior escândalo para se despir, para fazer o exame. Futuramente vai ser uma perturbada sexual. Então isto já é um uma gama de preconceitos jogados na cabeça dela. Um negócio absurdo!

Sol - Como o homem piauiense está reagindo diante da liberdade sexual?

Noronha - A mulher, para manter relações sexuais, é mais fácil do que o homem do ponto de vista biológico, pois o homem precisa da ereção. Então este clima de liberdade, vai dar à mulher direito de exigir relações sexuais a qualquer hora e nem sempre o homem vai poder. Então o machista vai ter medo de dizer não a um convite. Por isso é que o machista tem medo da liberdade sexual e sendo o piauiense um machista em potencial a liberdade sexual aqui vai muito mal.

Sol - Mas os machistas dizem que vão aproveitar a "abertura sexual"...

Noronha - Converse. Quem tem mais medo de vagina é o machão!

Titular de pediatria UFPI, Noronha vem se destacando em nosso meio pela sua ação como profissional, na qual prevalece uma visão social muito clara.

Noronha é dos poucos médicos de Teresina que procura ver o todo social que proporciona o aparecimento do seu verdadeiro inimigo como profissional, a doença. Talvez por isto (será mesmo?). É o atual presidente da Sociedade de Pediatria do Piauí.

Além disso, é um cara que não se restringe a ser apenas um médico, já tendo participado de vários movimentos artísticos/culturais de Teresina, como: o jornal O GRAMA, os suplementos "Um estado interessante", e a "Hora Fatal", além de ter dirigido ou produzido diversos filmes, tanto em super 8 quanto em 16mm, sendo que um deles, "Adão e Eva no Paraíso de Consumo" foi realizado em companhia do poeta / crítico Torquato Neto.

# O HGV Está Cheio de Feudos



Sol - O que te levou a seguir a carreira de pediatra?

Noronha - Eu desejava na época fazer psiquiatria ou pediatria. Não segui a carreira de psiquiatria porque achava que possuía pouca capacidade. A psiquiatria é uma área muito ampla que envolve conhecimentos de sociologia, de arte, etc. Envolvendo ainda um contexto social muito mais amplo do que a pediatria. Prefiri a pediatria porque é um tratamento de base. A gente prepara a base a estrutura para o mundo de amanhã.

Sol - E como é que está a pediatria em termos de Piauí?

Noronha - Podemos não só falar em pediatria, mas estendermos à medicina geral, porque a medicina aqui no Piauí é a medicina de carreira, é a medicina liberal que não se libertou jamais, é uma profissão assalariada e com péssimo salário. Então, devido a isso, ocorre a prática da medicina num nível muito baixo, porque ela obriga o médico ficar correndo de um lado para outro, que culminará num péssimo tratamento, porque é também um tratamento puramente curativo que não visa o tratamento do doente e sim da doença. Um paciente chegando, por exemplo, no INAMPS, percorre vários consultórios para resolver o seu caso de doença. Houve uma quebra na medicina das especialidades. Num estado totalmente subdesenvolvido, como é o nosso, que não produz nada, que todo dinheiro vai para fora, um estado que é explorado pelo capitalismo do Sul, então fica tudo muito falho, tanto na pediatria como em qualquer outra área da medicina.

Sol - Está se pensando em fazer residência de pediatria e obstetria aqui no Piauí. No meio universitário existe alguma perspectiva para esta implantação?

Noronha - Rapaz, existe aquela famosa frase: "quem sabe faz a hora, não espera acontecer", então a gente tem que forçar um pouco a barra, não esperar que apareça o momento adequado. Não se pode esperar que os pingos estejam todos em cima dos is, mas sim, encantar, meter os peitos e realizar. Mas acho que existe um certo momento histórico adequado para esta implantação. Então a residência em pediatria e obstetria, que é uma proposta praticamente nova no país, é abrir a cabeça do médico da importância de não ficar sentado em uma mesa passando receita e sim estender o trabalho para a comunidade. Então na residência vai existir cursos de administração de saúde, planejamento de saúde, treinamento de líderes de comunidade. É uma proposta nova este tipo de residência. O momento histórico chegou e que garantias me oferece? Primeiro a abertura que existe no país, nós temos que ver que estamos numa democracia (risos), estamos numa democracia burguesa, não existe no mundo um local que não tenha a liberdade que o Brasil tem, só que é a democracia burguesa!

Sol - Será que na obstetria se terá condições de se implantado um curso de residência, quando se sabe que nem o curso de graduação funciona?

Noronha - As condições físicas da maternidade são melhores que as da pediatria...

Sol - Por que a maternidade não funciona?

Noronha - Pois se não funciona, deve ser por uma má administração. Talvez por causa disso. Suas condições físicas são melhores que as da pediatria.

Sol - Por que o Moisés caiu?

Noronha - Não sei

Sol - Até que ponto a briga dos estudantes influenciou nisso?

Noronha - Não sei, mas se aconteceu como foi comentado, era uma coisa que não deveria se fazer, pois foi um negócio muito individual. Acho que o Moisés não tinha culpa...

Sol - Ele serviu de bode expiatório? Noronha - Eu acho estranho os estudantes cobrarem isso...

Sol - Por que? Noronha - Não sei, o estudante cobrar uma estrutura toda...

Sol - Que estrutura? Noronha - A universidade, hospital, a maternidade e diabo a quatro. Se ela está errada, tem que brigar contra ela e não contra o Moisés. Fazer uma crítica geral...

Sol - Quem colocou o Moisés como bode expiatório nesta história?

Noronha - (Pausa) isto eu nem sei (riso geral)...

Sol - Qual foi o motivo que você ouviu falar que ele tinha saído?

Noronha - Os estudantes pediram a cabeça dele...

Sol - E você acredita nisso?

Noronha - Rapaz (pausa) eu acredito...

Sol - Residência vai depender do estado?

Noronha - Não. Também do estado Sol - E o hospital escola terá condições de funcionamento num hospital como o H.G.V.?

Noronha - As condições do H.G.V. são precaríssimas todo mundo sabe disso Sol - Devido a que?

Noronha - Devido, primeiro a uma série de vícios que existem no hospital. A estrutura do hospital é muito viejada, é uma estrutura superada. Uma série de capelas, uma série de donos das coisas. Tem muitos donos, tem feudos dentro do hospital e estes feudos são intocáveis

e qualquer administrador que entre com a máxima boa vontade, não tem condições de trabalho. Edilberto é um cara que tem a máxima boa vontade e inclusive capacidade para isso, mas falta muita coisa. Primeiro, dinheiro. O Piauí é um estado lascado. Você imagina se o Piauí fosse um país independente, onde para pagar o funcionalismo tivesse que pedir dinheiro estrangeiro, onde o tomate tem de ser importado, então as condições são precaríssimas. Tem que se quebrar alguma estrutura destes feudos, coisa que eu acho muito difícil.

Um hospital que tem um milhão de entradas e saídas, o que acontece com ele? Propicia furios.

Sol - Na residência de pediatra o estudante vai ter uma visão médica comunitária...

Noronha - Vai e esta é a grande diferença nossa em relação às outras residências do País. As residências existentes no resto do País são puramente tecnológicas, de importância tecnológicas. O residente saindo de S. Paulo não tem nem condição de vir para o Piauí, pois ele é orientado para uma mentalidade mais ou menos estreita de usar a tecnologia. Quanto mais tecnologia melhor. O que acontece quando ele vêm para o Piauí? Ele fica frustrado, ele fica sem noção do que vai fazer numa comunidade como Teresina que é uma capital.

Sol - O estudante terá então uma visão de utilidade local?

Noronha - Vamos dá condições a ele de desenvolver o trabalho dentro da realidade local. Dar a melhor informação possível tecnológica, vamos ter alguma condição, vamos montar um laboratório de microeletrônica, dosar eletrólitos, vamos dar também conhecimentos de administração de saúde, de planejamento de saúde.

# Sobre saúde no estado

Muitos são os problemas de saúde de nosso estado. Os indicadores de saúde não existem, ou pelo menos não merecem crédito. Os poucos dados existentes estão desatualizados e apresentando falhas de registro. Problemas que se destacam tais como: registro de óbitos, pela contínua existência no Estado de muitos cemitérios clandestinos que não exigem atestados de óbitos para um sepultamento. A Secretaria de Saúde ainda não conseguiu estabelecer o fluxo regular destas informações que entre as unidades executoras do Estado e a própria Secretaria.

Ora, a promoção de saúde e o desenvolvimento sócio-econômico são processos dinâmicos e solidários. A saúde e o bem estar dos homens não podem jamais serem considerados como variáveis isoladas.

A população, em geral a menos nutrida, menos remunerada, menos instruída, mal vestida e mal alojada, em condições desfavoráveis de higiene e profilaxia fornecem crianças com baixo nível de saúde e em certos povoados a despeito do estado de saúde tão precário, o esforço maior é para sobreviver ou simplesmente sub viver e melhorar as condições de vida é desprovida de sentido para eles.

O crescimento demográfico bastante elevado (crescimento vegetativo superior a 3,22% em 1972), ultrapassando o crescimento econômico fechando um círculo nefasto, o que em parte condiciona a abertura para distribuição de medicamentos anticoncepcionais pela Bem-fam, o que por sua vez se não bem controlado virá a tornar-se mais uma causa de agressão à saúde de nosso povo pelo desencadeamento do profissional de saúde que para sobreviver passa a trabalhar nos "bicos", ou seja, vários empregos em vários lugares ao mesmo tempo. Alguns destes lugares pagam aos médicos atualmente Cr\$ 12,00 por cada atendimento. As unidades da Prefeitura servem de exemplo.

A atual organização das entidades de saúde estatais e



Juliet Nacle Vieira

privadas, o mercado de trabalho e outros fatores determinam as tendências que concentram os profissionais no meio urbano e a forma de cobertura predominantemente curativa em detrimento das ações preventivas. Reconhecemos sem dúvida, que uma grande parte dos profissionais da saúde do Piauí foram acostumados a métodos de aprendizagem e atitudes sem critério crítico. Não questionam os problemas de saúde nem os anseios da coletividade, ou mesmo se o fazem exibem pouca capacidade para criar soluções novas e eficazes, adequadas às gerais condições de nosso povo. Frequentemente o que se ensina não depende destas necessidades e ainda se cumprem padrões que levam a uma formação alienada, com incapacidade de adaptação daquilo que se ensinou e pretendeu-se realizar e daquilo que se realiza no dia a dia. A Universidade reconhece há muito tempo esta necessidade

e não detém esforços no sentido de adequar estes ensinamentos sem contudo atingir seus objetivos.

E estranho que até então não exista satisfatoriamente um trabalho prático de execução de cuidados de saúde que possa servir de modelo de aprendizado integrado de saúde a nível comunitário. A mercê de tudo isso não estamos num impasse muito ao contrário o marasmo do momento parece uma lenta tomada de consciência. Ele é resultante ainda da falta de resolução global dos problemas de saúde, da idéia errônea dos serviços de saúde como um fim, por parte de todos, profissionais e comunidade. Está chegando o tempo de agir em vez de discutir, de conhecer os programas e planejamentos tão poéticos e belos para uma realidade tão feia e pobre. Nosso povo precisa de coisas simples e básicas prioritariamente. Os cuidados primários de saúde intrinseca-

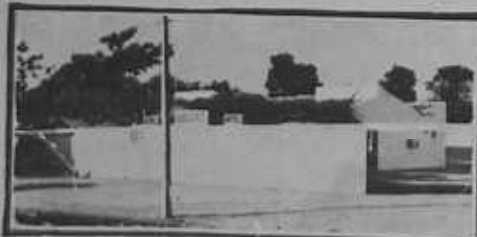
mente integrados na educação sanitária tão importantes até a reabilitação completa onde se faz necessário a especialização ao nível das condições.

Já existe em todo o Estado uma extensão de prédios mais ou menos bem estruturados, fato crucial quando comparamos a outros estados nordestinos. Além disso, o programa Pias está engajado na construção de mini postos rurais, existindo inclusive recursos a serem lotados. Ocorre porém a necessidade de alocação de planejamento às reais necessidades e aspirações do homem do campo. É particularmente importante compreender e assumir primeiro o nível de saúde, ações e procedimentos dos indivíduos deste povoado. Considerando-se que mais de dois terços da população do estado é rural, outros trabalhos deveriam ser prioritários e pesquisas deveriam serem realizadas neste sentido. Infelizmente isto não ocorre e apesar das instalações físicas, as comunidades não participaram ativamente dos cuidados da saúde a que se propõe o PIAS. Ocorre sem dúvida uma grande escassez de treinamento de recursos humanos. Além do mais, continuam a realizar atendimentos assencialmente ambulatoriais, curativos ou de vacinações, não condizendo à integração proposta.

Impõe-se sem dúvida uma definição e o momento político seria propício. Me parece mesmo agora a nível de ministério.

Por outro lado, reveste-se de uma importância capital a consciência comunitária que assegura a saúde. Não pode ser feito exclusivamente por procedimentos técnicos aplicados à população e à saúde. Restará um sonho se a coletividade não tomar para si a responsabilidade de sua própria saúde. É importante que a saúde não seja obra da caridade nem tão pouco privilégio de rico: ela sempre será encarada e exigida pelas pessoas como um direito, e não há direito sem obrigações.

JOSE RICARDO DE SOUSA NETO



**JÁ INAUGURADO**

**MOTEL BAOPA'S**

Av. Centenário, 3120/N

Funcionando DIA E NOITE

Para reservas disque: 222.5297

Luxuosos apartamentos com ar condicionado, som ambiente, sistema PABX interno, serviço de bar e restaurante.

Vá experimentar e sinta que foi feito com amor para o seu lar.

Localizado na zona norte da cidade, logo depois do aeroporto, a cinco minutos do centro da cidade.

# De Olho na Imortalidade

Cineas Santos

Dia desses, um candidato a escritor afirmava, eufórico: "Finalmente, a literatura piauiense vive o seu boom". E a velha mania de repetir chavões surrados sem atender para o verdadeiro sentido da coisa. Falar em boom na literatura piauiense é, no mínimo, uma piada. A simples publicação de meia dúzia de textos não justifica tamanho disparate.

A coisa é bem diferente: é que os novos escritores piauienses "descobriram", com certo atraso, o mimeógrafo e passaram a imprimir, por sua conta e risco, os textos que produzem. Tudo bem: pelo menos libertaram-se da necessidade de recorrer ao famigerado

plano editorial do estado, de triste memória. A "descoberta" do mimeógrafo foi um passo, uma conquista, um avanço, mas não, necessariamente, "salvação" da literatura do Piauí.

Quando o pessoal constatou que podia publicar passou a fazê-lo com o entusiasmo (algo infantil) de quem descobre um brinquedo novo. Só que a brincadeira durou pouco: logo a moçada percebeu que faltava algo indispensável: o LEITOR. Parece que ninguém havia pensado nisso. O texto publicado e não lido vale o mesmo que o texto inédito na gaveta. Quer dizer: faltou um trabalho de base, uma mobilização capaz de "gerar" leitores

para a literatura que estava sendo jogada no mercado.

Escrever um texto para ser lido por meia dúzia de amigos e, naturalmente, elogiado pelo "padrinho" pode até servir para engordar a vaidade de quem se diz "artista", mas é pouco gratificante para quem encara literatura como algo mais que um simples passatempo. Escrever por diletantismo é atividade para acadêmico que se "realiza" lendo e colecionando recortes de jornais do interior, onde qualquer livro "oferecido" merece crítica generosa.

Precisamos urgentemente discutir o trabalho que estamos fazendo. Discutir e criticar

honestamente os textos que estamos produzindo. Não basta publicar: isso é apenas parte do trabalho que temos de fazer. Precisamos aprender a ouvir, o que não é fácil... Quando todo mundo acredita que está certo é sinal de que algo está errado. Não podemos cometer o velho erro de produzir um texto, publicá-lo e sair correndo em direção aos gabinetes oficiais, onde o "homem" compra o livro para se ver livre do "chato". Sem crítica, sem coragem para encarar a coisa de frente, sem trabalho junto ao possível leitor, acabaremos todos "imortais", porque esse é o destino de todo escritor que já nasceu morto.



## MUITO REALCE

Quem tem coragem de segurar o abacaxi? Ou como diria Augusto de Campos, poeta concreto de Sampa, sim senhor, "chupins desmemoriados/ só o incommunicável comunica" ou só pra chatear -Caetano Veloso, "por enquanto apenas mino o campo verde/ acre e lino". Pau de lenha, volto à carga já que este jornal - O SOL - brilha nas bancas de revista. Desta vez quero ver quem se habilita. Quem entende Rita Lee?

O único paralelo que consigo encontrar para Rita Lee agora na cabeça é Chiquinha Gonzaga, a primeira grande mulher da música popular brasileira. Assustado? Pois então, como diria meu amigo, Robin, "banquetei-se de dúvidas". Chiquinha Gonzaga, a certa altura de sua vida de mulher bem casada da "alta" do Rio de Janeiro (em filha de um marechal-de-campo), encheu o saco de seu marido, a bordo de um navio que transportava armas para a guerra do Paraguai, e desceu no porto de Salvador (Bahia, sempre a Bahia) onde o navio fazia uma estadia. A primeira providência que ela tomou em Salvador foi comprar um violão. Desde então em diante, Chiquinha tornou-se a grande dama da música brasileira, a primeira mulher a se

apresentar em público sem chapéu (obrigatório na época) e fumando cigarro. O primeiro sucesso de Chiquinha aconteceu em 1877, com "Atraente", uma polca de ritmo sincopado que nasceu de um improviso ao piano, numa festa em casa de amigos. Há um século atrás, portanto, Chiquinha desbundou os sarais da época, barbarizou homens e mulheres com suas roupas exóticas e um charutão no canto da boca. No campo musical, Chiquinha Gonzaga revelou-se uma profana aos olhos críticos de seu tempo, introduzindo no cancionário popular formas novas, como o maxixe, a polca e o corra-jaca. Rui Barbosa, a águia de alma branca, a respeito do corra-jaca que ele, como crioulo bem comportado, rejeitava - escreveu: "...é a mais chula, a mais grosseira gêmea do batuque, do catetê e do samba..."

Mas o que tem Rita Lee a ver com Chiquinha Gonzaga?, perguntaria alguém, me chamando de louco. É aqui que entra o incommunicável: (foi até Leda, minha mulher, quem sugeriu, "estrese sobre Rita Lee dessa vez. Eles vão pirar"): Rita Lee apareceu e ficou famosa junto com OS MUTANTES, todos eles aliados com os tropicalistas Caetano Veloso e Gilberto Gil,

formando um grupo uno e único que Glauber Rocha denominara depois de "os Billy-the-Kid do subdesenvolvimento, a própria estética da fime em movimento, a própria autropofagia usando as guitarras eletrônicas para comer o bombardeio do rock e vomitar em formas novas, nítidas e revolucionárias o sentimento do povo brasileiro internacionalmente culto". Segura essa, malandro.

O tropicalismo não durou um ano, vocês sabem: depois veio o Márcio Moreira Alves, acendeu o estopim do AI-5 no Congresso Nacional e se pôu pro exílio. Rita Lee ficou aí, à deriva do mar de lama instaurado, Torquato Neto logo depois deu fim à vida, de saco cheio com os cegos, o panorama ficou tenso e muitos poetas cortaram o cabelo, correram com o palavrório debaixo do braço.

Rita Lee separou do marido, ex-MUTANTE, e gravou seu primeiro disco individual, estourando nas paradas com "José", versão de Chico Buarque para um sucesso italiano. Depois veio o Lp "Está É o Primeiro Dia do Resto de Sua Vida", que não vingou em termos de vendagem, apesar de um bolero incrível que Rita gravou e que dizia: "beija-me a boca / com tua boca vermelha... / não podemos mentir / não leremos jornais que noticiem crimes / não participaremos destas mortes vis / beija-me a boca varonis". A consagração popular veio com "Atrás do Porco tem a Cidade", que balançou os corações de treze anos do Brasil, linda Rita e o grupo TUTTI-FRUTTI, com seu roquetrol paulista. Os Lps seguintes só confirmam a trajetória dessa menina "que saiu de uma cidade industrial".

Rita Lee é a nova Chiquinha Gonzaga vestida de noiva, com um gravador na mão e um cigarro na boca, "vagabundo como nós". São Paulo é uma múmia de concreto cheia de brasileiros nas entranhas, mirando o campo verde. Rita Lee emergiu de lá, da síntese, até agora não se sabe, mas desconfia-se que o Gênio da Raça explodiu na ponte aérea Brasília-São Paulo. O resto é Brasil, poesia, R. Carnaval, paraíso. O nordestino ou v... pra lá ou chora sua fome, recebe de volta um enlatado da televisão e espera medidas do governo. O pau come.

Música não é só política, mas também o comportamental, o estímulo, o registro, a onda. Sinta o drama: o trabalho do artista é o prazer do homem comum, a "vertigem do cinema", a retribuição pelo ritmo, o teatro, a arte

plástica, a teve, o grafismo. "a fonte da força é neutra", a poesia "desobedece coração".

Rita Lee, durante sua carreira, cantou a vida de duas mulheres fadas, Elvira Pagã e Luz del Fuego, contínuas agruras de uma mãe urbana com o barulho desse tal de roquetrol, o drama do "boy" que quer o carro do pai para tirar um sarro com seu bem, "Vesundo fantasias / tirando a roupa". Rita Lee arrombou a festa da sacrossanta mpb.

Alguém já disse que uma sociedade que não acredita na sua juventude não é uma sociedade séria. Rita Lee tem o poder de transformação que é próprio das pessoas jovens (ela já passou dos 30, é casada pela segunda vez com o atual guitarrista de seu novo grupo, tendo com ele dois filhos), porque os velhos só têm duas opções: ou se tornam ranzinhas e enjoados ou atingem a sabedoria.

O novo Lp de Rita é um reflexo de todas as transformações, não só comportamentais do novo homem brasileiro urbano, com seu amor, seus gritos e suas saídas, mas da própria bagagem de novas informações da música popular contemporânea, cercada de um aparato quase bélico de produção. E Rita Lee, sem inocência, concorre e preenche lacunas no mercado (ao modo dela, claro), esvaziado pela decadência da música "disco" e pelas mesmices dos bagulhos do rádio. A sãntira em "Arrombou a Festa nº 2", o "reggae" em "Maria Mole", o novo comportamento urbano, em "Papai, Me Empréstimo o Carro", além do ritmo sempre contagiante - tudo no último Rita Lee, para pasmo de vocês: uma compositora mais censurada que Chico Buarque (confirmam os números da Polícia Federal. Na "Peça do Henfil" a única coisa censurada foi uma música de Rita Lee).

Com um novo charutão na boca, a anti-Chiquinha Gonzaga, urbana, roquetrol e nacionalizada, Rita Lee sabe que é bonita e gostosa, Rita rica. Depois da tristeza do canto da mulher brasileira, pela voz de Mafsa, que caiu com seu marido na ponte Rio-Niterói, e do sofrimento de Dolores Durán e a vinha Telles, a mulher brasileira ressurge da tragédia para a espontaneidade, a graça e a coragem de Rita Lee e seu rock contagiante, que emergiu das trevas da ditadura e do tempo em que todos andavam "meio desligados". Ainda está?

Agora conte que li vez os "obras"

Durvalino

# COMO E NÃO COBRO NADA

DECLARAÇÃO DE JOÃOZINHO 45  
SOBRE A MENOR MARGINAL.

## CHICO CASTRO

A arte tem um compromisso com a realidade. Por uma questão mesmo de valores que essa realidade nos remete, nós os poetas, como observadores e analistas, temos que não comprometer com ela, numa tentativa de tornar a vida menos dura, mais significativa.

Partindo deste princípio, nós os poetas temos que dar um testemunho sério, honesto, positivo do momento histórico, evidenciando a verdade em toda a sua extensão.

Antigamente poeta era sinônimo de bandido, de boêmio, de romântico (no sentido pejorativo da palavra), de inofensivo, de louco, completamente alheio a vida que o cercava, trabalhando diuturnamente sua própria realidade, isto é, a realidade subjetiva, íntima, pessoal, vivenciando seus sonhos e seu próprio mundo, sem se importar com a verdade, com o todo processo histórico, com a vida (na sua forma mais expressiva), entregue a seu próprio destino. Esses poetas não tinha qualquer envolvimento com o cotidiano, com as coisas simples, com a vida fluindo em sua forma mais comum, coletiva. Achavam que o mundo era maravilhoso e "passavam a admirar conversar e ouvir estrelas" enquanto o bicho homem, os donos da vida, corrompiam toda uma sociedade, todo um povo, tirando-lhe o princípio elementar da vida: a liberdade. Enquanto esses poetas viviam de contemplação, os donos do mundo trituravam, vilipendiavam, destruíam toda e qualquer tentativa de rompimento por parte das massas deste estado de tensão mínima, que os poetas (os líricos, inteltranteiros líricos, os alienados) eram parte e extensão do sistema.

Hoje os poetas são de carne e povo, hoje a nossa poesia se angustia com a fome, com a miséria, com a injustiça (essa sistematizada nos últimos 15 anos), com os desencantos e decepções e principalmente a ansia por um mundo melhor, mais justo, mais amplo, mais sãudo, menos alienado. Dentro desta concepção nós apontamos a desagregação social e suas múltiplas consequências, a colocação em segundo plano de nossa cultura, a falta de equilíbrio na política econômica



constante recuo e renúncia de seus valores e de sua vida, enfim apontamos a invasão de culturas exóticas que nada tem a ver com a nossa vida com o nosso mundo, isto é, com a nossa realidade, com os nossos valores brasileiros, com o povo brasileiro.

Tudo isto apontada numa linguagem urbana e fluente sem os cacoetes da língua erudita e seus infinitos ditames. Colocamos em nossa poesia elementos encontráveis no seio do povo para que esse povo lendo possa se identificar com o nosso trabalho e sua própria entropia. A poesia é uma extensão da vida. Por isso tem de ser direta, óbvia, questionadora, provocadora sem mais palavra, ativa.

Antigamente o Belo era o Maravilhoso. Hoje o belo é a luta diária do povo contra os donos da vida. O Belo é a conscientização humana, o desenvolvimento pleno de nossas potencialidades criativas, as mil maneiras de dizer a vida e a percepção do mundo que nos cerca.

Os artistas piaulenses devem agora se unir. Nós estamos aqui para ampliar, somar para a cultura piaulense. É necessário agora uma profunda consciência de quem fez arte. Não é hora de briga. É hora de leitura, de reflexão. É preciso medir o que se diz para que não se caia numa jogada inconsequente, burra até. Temos que medir a importância do artista junto a sociedade e a importância da vida, pois só assim estaremos contribuindo para que o mundo seja de todos, para que a vida seja de todos.



## Artedaços

Geraldo Brito

Isso fazem exatamente 5 anos que o som anda solto pela cidade, divulgada através da música (piaulense), que durante todos esses anos tem mantido sempre um desenvolvimento constante. Se bem que o teatro, as artes plásticas e a poesia deveriam ter traçado um paralelo com ela. Não confundir letra de música com poesia.

Aquele alvoroçado festival universitário de 1974 despertou muita gente para compor. Não sei bem se o prêmio serviu como estímulo para que todos participassem ou se foi mesmo um despertar...o certo é que serviu como base para um show que envolvia teatro-música-poesia, um lance bonito que se chamava NORTRISTERESINA.

Este show, devido à força desempenhada pelos seus atores, pelos textos escolhidos e principalmente pela força das músicas (e da música), participou do III Festival Universitário Aberto de Londrina, conseguindo um resultado maravilhoso, não só por conseguir lotar o teatro (lance só alcançado pelo compositor Sérgio Ricardo, na semana anterior), mas também pela força total e agressividade que dominava o espetáculo. Até aí tudo bem, nada mal, e como não se tinha um teatro para transar os shows, fazíamos apresentações em bares e colégios. E foi por aí que surgiu, em 1975, o movimento musical denominado SHOW PIAU, um lance iniciado pelo Amaldette, desenvolvido por Geraldo Brito, Cruz Neto, Fredinho Maia e Jorge Rizo. Queira ou não, o SHOW PIAU determinou muitas sequências acontecidas até hoje. Juntamos poetas, músicos, compositores, cineastas, cantoras (né, Laurence?) e um público que ainda hoje pinta pra ver a gente.

Com a reforma do Teatro 4 de Setembro (teatro é pra se fazer show, deitar e rolar e não adianta chiar), a música despertou um desejo maior, e os compositores começaram a trabalhar muito mais. Foi um trabalho proliferado na época por Rubens Lima, Geraldo Brito, Lázaro, Cruz Neto, Assis Davis e outros. daquelas reuniões gostosas do calçadão de seu Pedrinho surgiram muitas composições, assim como a idéia de tornar o Grupo Calçada. Esse grupo desenvolveu um trabalho denominado "Canto Amordaçado", um dos primeiros shows realizados por compositores piaulenses, e inclusive esse trabalho serviu como espécie de molde para os demais shows que vieram a acontecer e foi novamente (em 78) o

Grupo Calçada que continuou a transar toda: apresentou o espetáculo "Fruto da Terra". Um show que trazia inovação em tudo, ou seja, produção/direção/cenários/arte gráfica/figurinos/iluminação, enfim, TUDO.

Observamos então, a presença da música sempre em desenvolvimento, ocupando todo um espaço desde 74 até os dias atuais, e espaço este que poderia ter sido dividido com a poesia, artes plásticas e o teatro. Alguém chega e diz: "ah!, mas é muito fácil fazer música, fazer um show". Eu digo que não, meu chapa! Fazer um show implica numa parafarmácia imensa pra se dispor. Não é só chegar com um violão num palco e abusar uma ou duas horas cantando e tocando. Chega outro e diz: "será que estes shows que tem acontecido trazem uma proposta política pra questionar as pessoas?"

Aí eu tenho que sorrir e explicar que a música exerce um poder fora do comum nas pessoas. Ela transcende tudo, porque vai além do que ela possa querer parecer. Subir num palco, agarrar um violão ou guitarra é algo assim muito forte, um negócio pra ser discutido sob um ponto de vista mesmo político-musical-social. E além do mais martelando no lado das letras, a coisa fica muito mais forte, rebustece a música em si. O inimigo não é o mesmo? Ou será que não?

É tudo questão de tocar, de viver, de cantar, de prazer e de acordar. É o princípio do prazer, aquele negócio de realizações de desejos através de sonhos, só que com uma diferença: não estamos sonhando nada, e sim extrapolando desejos e prazeres através desta arte maravilhosa chamada música.

La-me esquecendo, perguntaram assim: "por que você não faz uma música regional, uma música genuína, inteiramente voltada pras raízes?" "Regionalismo, música genuína, raízes, que diabo é isso? Quem vivencia tudo isso aqui no Piauí? Quero que me digam, me respondam. E vou mais longe ainda, tudo que a gente vê por aqui, inteirado a outras boas informações, resulta em um trabalho forte e algo assim bem together.

Aviso final. Caetano, Gil e os demais tropicalistas derrubaram e deglutiram tudo isto à nossa maneira tropical de fazer música. Já fazem 11 anos, quem não se lembra?

No mais, um estímulo aos outros, para que consigam fazer o que estamos fazendo. É assim que eu quero ver!

# TRISTE JORNADA



Nos dias 23, 24, 25 de outubro foi realizada a sétima Jornada Universitária do Piauí. Do ângulo de observadores em que nos colocamos, podemos dizer que esta foi a pior jornada já realizada.

Os motivos de tal fracasso não se deve atribuir a A ou a B. Preferimos convidar aos colegas diretorianos a fazerem uma auto-crítica para daí procurarmos corrigir as falhas e os erros da atual administração, a fim de que na oitava jornada possamos ter um parecer mais alentador.

Porém, por outro lado, bisbilhotando o desenrolar dos preparatórios para a jornada, entendemos que uma das falhas notáveis que concorreram para o fracasso, foi a viciada, vergonhosa mesmo, obstinação dos preparadores de fazerem valer as suas sugestões, fazendo de tal uma luta uma luta pessoal, esquecendo o real e maior objetivo que os envolviam: uma jornada satisfatória aos anseios da comunidade universitária.

Outro fator, que contribuiu para tão decepcionante jornada, foi o descrédito da mesma, nascido da inexactidão da data: as vezes dia x, outras vezes dia y. Isto foi o suficiente para segurar um resultado tal qual aconteceu.

O grupo encarregado da divulgação desta que é a maior confraternização do mundo universitário piauiense, cremos nós tem sua parcela de culpa, mesma que indiretamente, isso no que tanje à simpatia de tal grupo, que não é das mais carismáticas.

Sobre os conferencistas, podemos dizer que apesar de tratar-se de figuras impolutas, como o Dr. Celso Barros, que foi por demais explorado, trazendo suas sábias palavras, várias vezes sobre um mesmo assunto, para um mesmo auditório, isto é desgastante e ocasionou o esvaziamento.

Por falar de Celso Barros, lembramo-nos da parte cultural, que sem querer fazer rima (pois não está com nada) foi oculta: os filmes científicos que iriam rodar para nossa assistência universitária, não sabemos por que cargas d'água

não foram exibidos; conferencistas como Florestan Fernandes, e Almino Afonso, que estavam cogitados de proferir palestras, ficaram esquecidos nos planos das cogitações. O balé que iria dar início à jornada, dançou, ou seja, não foi dançado. Quanto ao mesmo esboçou-se uma desculpa, aceitável: a bailarina quebrou o pé. Contudo, a bem da verdade, é bom que se diga que os violeiros foram ótimos.

No que tange aos esportes, a nossa televisão demonstrou sua força de persuasão, com o seu slogan "Criança que pratica esportes respeita as regras do jogo": foi assim uma constante na disciplina, que compensou a falta de garra, esta última carência nascida de outra carência (fome) bem comum nos torrões piauienses.

Quanto às barraquinhas, o nosso amigo Gaguinho, e o sempre presente na comunidade universitária, professor Samir Adad, que o diga, foi compensador para o que aconteceu nesta jornada. As bebidas estavam muito caras, porém, em compensação todo mundo deu "seixo". O forró, como todo forró que se preze, teve sanfoneiros, triângulos, zabumbas. A entrada pagava-se Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros). E a comprovação da paga, bem falava da autenticidade do forró, pois quem pagasse pintava uma das unhas de vermelho como comprovante.

O ápice da jornada, que seria a palestra do presidente da União Nacional dos Estudantes, "UNE", esteve à altura de tudo mais na jornada, não correspondendo à expectativa. Vale salientar, que o nosso presidente esteve muito ocupado com suas "cicerones", pois não teve sequer tempo para um esclarecimento para este jornal nosso único veículo de comunicação da comunidade estudantil.

Prá sermos honestos, nós diríamos que está jornada foi uma jornada nossa, que deveria ter sido feita por nós, que em muito nos negamos, o que absolve os implicados na responsabilidade dos fracassos, pois toda comunidade tem as festividades de confraternização que merece ....

Pessoas que contribuíram para a impressão desta edição do SOL.

Marcos Vitor (presidente do CCS)  
 Antônio Santos Rocha Filho  
 Oneide Angélica Rocha  
 José Cerqueira Dantas  
 Banedito de Carvalho Nunes  
 Rosa Amélia  
 Raimundo Nonato Campos Sousa  
 Maria das Graças Campos Sousa  
 Fernando Correia Lima  
 Reginaldo Rego  
 Sebastião Aécio de Carvalho  
 Maria do Amparo Salmito

Antônio Lages  
 Paulo Henrique  
 Ezequias Costa  
 Lira  
 Edgar  
 Dodô Macedo  
 Vitorino  
 Cesar Augusto  
 Gil Andrade  
 Samir Hadad  
 Ciro Nogueira  
 Guilherme Melo  
 Celso Barros

## FARMÁCIA S. JOSÉ

I - Av. Odilon Araújo, 69  
 II - Av. São Raimundo - Piçarra  
 III - Super-Mercado - O Gil - 2  
 IV - Centro Comercial do Itararé

**Todos os tipos  
 de medicamentos  
 com os melhores preços**

## LIVRARIA CORISCO

**Onde estão os  
 melhores livros**

**"SEU CORNÉLIO"  
 O melhor Pão de  
 Queijo da cidade**

**SABÃO CHUVA  
 LAVA COM A FORÇA  
 DA NATUREZA**

## CHOPARIA OBA-OBA

**Av: João XXIII,  
 em cima do Gil - 3**

**PUNARÉ**

Livraria, Discos, Galeria,  
 Artesanato, Bar, Lanchonete.  
 Rua Dória Cabral, 107-A  
 64060 - Teresina - Piauí

Livraria Punaré agora também na Pedro II

## NAS COXAS

Ao realizar uma enquete junto aos estudantes de medicina plantonistas dos diversos hospitais desta capital, de quais são as vantagens em ser plantonista como acadêmico, tivemos em geral a seguinte resposta: a vantagem básica é de treinar o aprendizado prático bem como manter em alerta os conhecimentos teóricos e colocar sempre em confronto a vivência didática com a experiência adquirida.

Esta resposta, que parece bastante lógica à primeira vista, torna-se totalmente incorrente ao ser comparada com as precárias condições oferecidas por estes serviços, com a postura da maioria dos médicos, que por serem mal remunerados ou por puro comodismo ou ambas as coisas transferem todas as suas incumbências aos estudantes, sobrecarregando estes de serviços e que somando-se às precárias condições humanas e técnicas fazem com que seja criado o acadêmico o vício de um mero tratador de sintomas, se condicionando desta forma a raciocinar apenas em termos de sintomas locais em detrimento de uma visão global do paciente.

Seguindo este relato fica pairando no ar várias indagações tais como - primeiro:

porque nunca houve uma campanha generalizada de melhores condições de ensino, melhores salários? Pois o estudante deixou o plano inicial de ser um acompanhante do médico em favor do sistema, se sujeitando a ser um trabalhador braçal e assim sendo deve reivindicar por melhorias salariais em vez de trabalhar na melhor das hipóteses, por Cr\$ 1.100,00, trabalhando vinte e quatro horas semanais, e também nunca se protestou contra péssimos locais de trabalho, como por exemplo o Pronto Socorro do Hospital Getúlio Vargas que conta apenas com três camas para cinco pessoas (dois médicos e três estudantes) passarem o plantão noturno.

Então, porque nunca os acadêmicos se uniram para conseguir melhorias, a que tem direito? Responderia que o medo e o comodismo são os fatores principais, o medo de uma união frágil que na primeira porrada fizesse dissolvê-la e uns (sabe-se lá quem) serem usados como bode espiatório. E, neste clima de insegurança e comodismo, a caravana vai passando sem que se escute nenhum grito neste deserto tão pobre e tão pouco fértil de conscientização de classe e ações coletivas.

### Almino Afonso falará na FUFPI a convite do diretório do CCHL

A convite do Diretório Setorial do CCHL e da Livraria PUNARÉ estará em Teresina, no próximo dia 14 de novembro o Dr. Almino Afonso, Ex-Ministro do Trabalho do Governo João Goulart, exilado durante certo tempo no Chile onde foi professor da Faculdade Latinoamericana de Ciências Sociais (transferida para o México depois do golpe militar que derrubou o governo popular de Allende), o Dr. Almino Afonso regressou ao Brasil, em 1977. Desde então vem mantendo contatos políticos sobretudo com o movimento sindical dos Estados do sul do país, no sentido de se organizar a representação política dos trabalhadores. Assim, Almino

Afonso desempenha papel de fundamental importância na reorganização partidária que se fará no país.

O Dr. Almino Afonso falará, às 20hs. do dia 14 de novembro no auditório da Universidade sobre o tema "UNIVERSIDADE E SOCIEDADE DEMOCRÁTICA". O Presidente do Diretório Setorial do CCHL, Antônio Carlos Rezende já vem fazendo a divulgação da palestra do respeitado jurista e político, esperando que a participação dos estudantes seja significativa.

Em sua visita a Teresina, Almino Afonso também manterá contatos com políticos da Oposição e com lideranças de movimentos de base.

## Piauí reboque do imperialismo sul maravilha

A grande imprensa publicou dias atrás que o arroz consumido pelos teresinenses estava vindo da Tailândia, o antigo Sião, que tem como base de sua economia a produção de arroz, monocultura que ocupa 70% das terras cultiváveis, cerca de 6 milhões de hectares. Este pequeno país da península Indochinesa está fornecendo arroz para o Piauí que já teve como base da sua agricultura comercial o arroz e o algodão. Compramos arroz mesmo existindo a cerca de 700 km de vazantes cultiváveis em nosso território. Porém, não ficamos por aí: compramos laranja do Ceará, ovos, legumes legumes e verduras de S. Paulo, carne de Goiás (já que o boi morreu mesmo), a pasta de dente as roupas, os carros, as bebidas, a cultura, os vícios (que aconteceu com o antigo vício de mascar fumo, que até hoje minha avó tem? Foi substituído pela maconha?) os movimentos estudantis, enfim, tudo, pois, como diz o Garrincha no Piauí, só tem indústrias de: picolé, sabão e menino.

A verdade é que não podemos pagar sequer o nosso funcionalismo público, somos levados a reboque pelos estados produtivos e viáveis do sul. Por que? Para quê? Por quê o comércio deficitário de Teresina, em que firmas abrem e fecham às carradas, subsiste?

A verdade é simples, límpida e está clara nos anais elementares da história econômica da revolução industrial

Vejam os exemplo Europeu: as pequenas nações improdutivas do início da revolução industrial, que nada produziam e por tal não podiam comprar e portanto consumir manufaturados dos já industrializados Inglaterra e França entraram em um processo de auto-suficiência artesanal, até que com os naturais processos de evolução fundamentados em inovações técnicas começaram a produzir excedentes que os conduziram à sua própria revolução industrial.

Agora voltemos ao Piauí, com nossa eterna dependência de verbas federais e uma balança comercial que só pesa de um lado, fornecemos matéria prima gratuita para o sul-maravilha e mão-de-obra baratíssima (né Garrincha?) sem de forma alguma ser um perigo de concorrer no futuro ao seu imperialismo econômico já que, graças às verbas federais, não entramos em um processo inicial de produção artesanal e de auto-suficiência econômica para partir para o excesso produtivo que geraria a nossa própria revolução industrial.

Em síntese: para os vis interesses do sul industrializado é fundamentalmente necessária a manutenção dos bolsões sub-desenvolvidos que servem para consumir seus produtos manufaturados e fornecer matéria prima e mão-de-obra... LOGO: NESTE MODELO ECONOMICO O PIAUI E O NORDESTE ESTAO CONDENADOS A VIVER ETERNAMENTE A REBOQUE DO IMPERIALISMO DO SUL MARAVILHA.

## CASA DOS ESPORTES

- de -

Antonio Pessoa

MATERIAIS ESPORTIVOS EM GERAL

Rua Coelho Rodrigues, 1209/13 - Tel. 3014

## BRASA bijouterias Ltda.



Bijuterias em geral Óculos Arranharinhos  
Chaveiros - bijuterias Canetas - Pólvoras  
e tudo referente ao ramo  
novidades a preço de fábrica

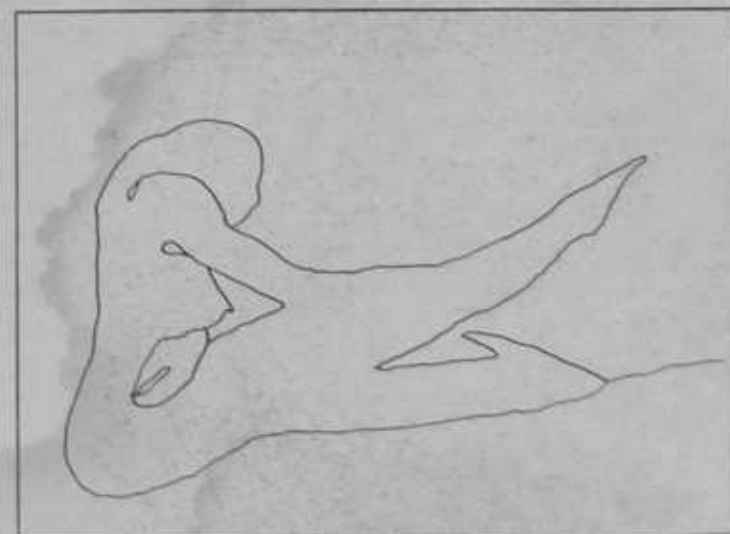
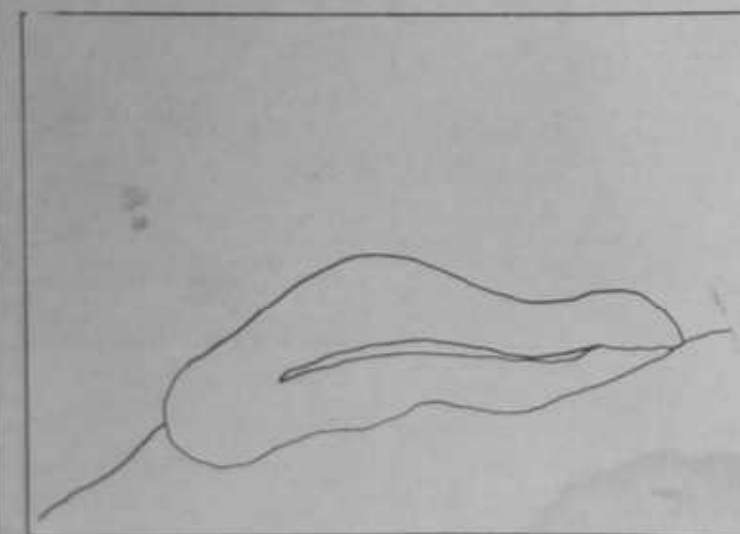
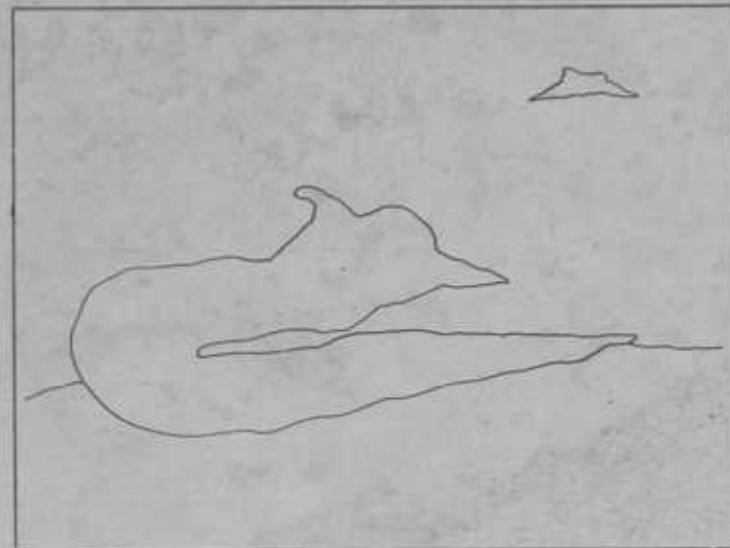
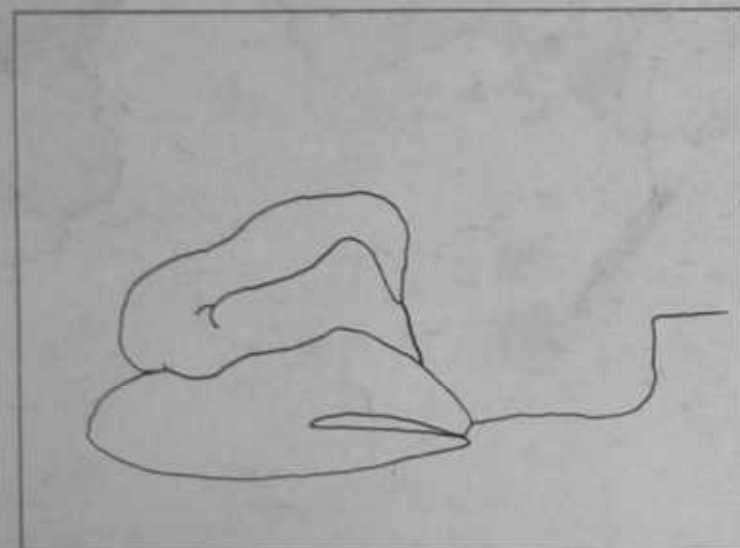
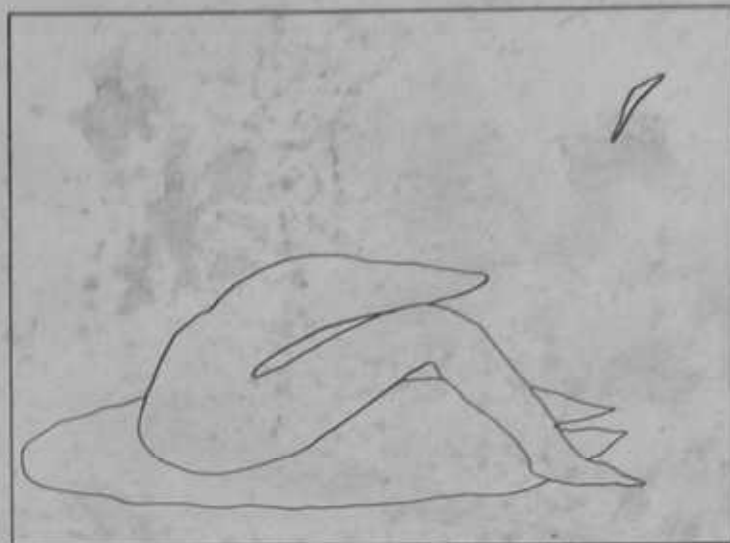
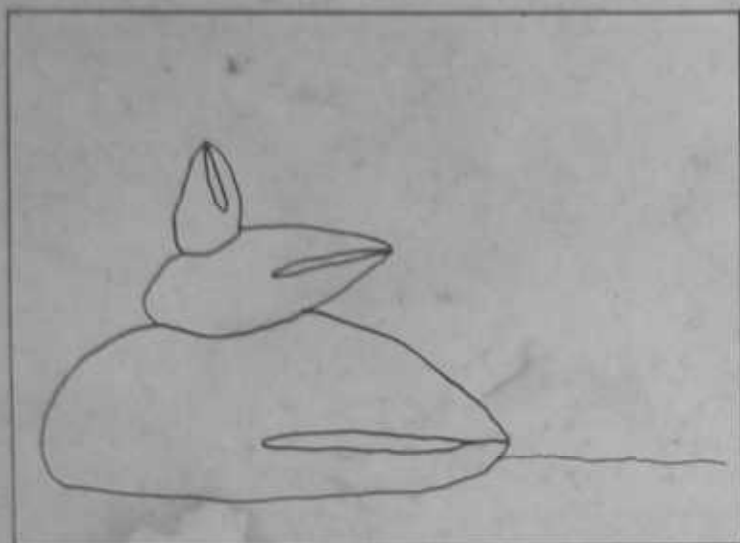
Mant. São Paulo-SP  
R. Barão Duprat, 315 SL. 35 Tel. 229-6269

Filial de Fortaleza  
R. Major Facundo, 603 Tel. 31-8280

Filial de Teresina  
R. Senador Tiodoro Pacheco, 1145 Tel. 222-4307

Filial de São Luiz-MA  
R. de Santana, 81 Tel. 222-6930

# formações



fátima campos

# Abertura, grades e porteiras

ANTONIO JOSE MEDEIROS

Há palavras que fazem época. Curtas, mas fazem. "Abertura", por exemplo, está na moda entre nós: vai haver/não vai, é uma farsa/não é, está havendo/não está, vale mais que a distensão/não vale, é redemocratização/não é. Pró ou contra, é da "abertura" que se fala.

Evidentemente, alguma coisa nova está acontecendo. (Lembremos apenas o presidente da UNE falando no auditório da FUFPI, sem ser reprimido pela ASI ou pela PF). O importante é tentar entender o sentido do que acontece pra tomar o partido das forças que fazem a história andar.

"Abertura" é a palavra mágica de uma estratégia de ação política do Governo, obedecendo a certos princípios e objetivos e procurando contornar os problemas colocados pela situação atual. A estratégia de ação das forças que se orientam por outros princípios e objetivos terá outras características. Entretanto, o fundamental é situar essa estratégia num contexto histórico-social mais amplo para garantir que os princípios e objetivos que se perseguem ganhem espaço efetivo. Em resumo a avaliação da política governista de "abertura" e a definição de uma estratégia alternativa pelas formas de Oposição passam pela consideração do processo histórico-social de democratização da sociedade brasileira.

Nossa sociedade - e lá se vão quatro séculos - não nasceu tão democrática. Colonialismo, escravismo e latifundismo não podem dar em coisa diferente de autoritarismo. Pouco a pouco, entretanto, foram se criando condições econômicas, sociais

e culturais para a transformação desse tipo de sociedade. As brigas contra o colonialismo tiveram algum peso, as escaramuças dos liberais do Império também. O primeiro grande passo, porém, foi a abolição. O latifundismo que sobreviveu, entretanto, neutralizou bastante os efeitos democratizantes da libertação dos escravos negros. E os coronéis e oligarcas puderam reinar tranquilos até as primeiras décadas de nosso século.

O segundo passo foi dado, quando a urbanização permitiu que uma classe média se formasse. E, do ponto de vista político e social a Revolução de 30 foi mais um passo no rumo da democratização de nossa sociedade. Mesmo a ditadura do Estado Novo, autoritária e fascistoide no campo político, não impediu que os membros da classe média urbana (e os novos ricos da indústria) tivessem sua cidadania garantida e reconhecida socialmente.

Até então, o grande ausente era o povão. Encurralado nas fazendas ou isolado na terras de fronteira interna, o povo-trabalhador rural inexistia social e politicamente. Com a industrialização - intensificada sobretudo a partir dos anos 50 - vai surgindo o povo-massa urbana e o povo-operário industrial, e de lá pra cá, os lances fundamentais da democratização real (e não apenas formal) da sociedade brasileira se jogam nesse campo. E tudo indica que o povo-trabalhador rural vai continuar driblando o problema pela emigração e/ou cozinhando do fogo do amadurecimento histórico.

E nesse contexto que se pode entender o autoritarismo

pós-64. Quando o povão das cidades (e até do campo - lembrem-se das ligas e sindicatos?) quis ser reconhecido como trabalhador - e portanto ter uma renda maior e também ser reconhecido como cidadão - e portanto ter uma participação maior, aí o pau quebrou. O autoritarismo "moderno" de 64 nasceu da incapacidade das classes dominantes brasileiras em ampliar os espaços de participação econômica e social em nosso país. Então, apelou pra força. E nem precisa dizer que o autoritarismo "tradicional" das regiões agrárias foi um aliado forte nesse processo.

Depois o autoritarismo ganhou dinâmica própria - que começa na censura e termina na tortura/morte. Mas sua raiz é social.

O que está acontecendo agora é que o próprio Governo quer fazer arranjos na situação. Em primeiro lugar, quebrar a lógica absurda do autoritarismo (anistia, liberação da censura, etc.). Em segundo lugar, retomar o jogo político ao nível das classes altas e médias ("oposições confiáveis", "isolar os radicais" etc). Em terceiro lugar, ampliar relativamente o espaço de participação econômica e social (nova política salarial, taxação de heranças, investimentos sociais, etc), jogando inclusive com a grande excedente econômico que a tecnologia sofisticada trazida pelo capital estrangeiro pode criar.

A tarefa do governo não é fácil. E ele sabe disso, tanto assim que mantém as "salvaguardas" legais e reais. É muito difícil, segurar o povão - sobretudo o operariado e a periferia social das grandes cidades - em seu desejo de

participação. E também muito difícil democratizar a economia sem ir fundo na modificação desse modelo econômico concentrador de renda e entreguista-inflacionista. E nesse pontos reside o potencial da oposição.

Obviamente, quebrar a lógica desumanizadora do autoritarismo é coisa muito boa. Tortura é sempre tortura - e "triste do povo que precisa de heróis". E nesse campo, há uma grande unanimidade em todos os seguimentos da sociedade brasileira - é preciso voltar ao Estado de Direito, "redemocratizar".

Mas, é preciso ir mais longe. A retomada do processo de democratização da sociedade brasileira - e isso é mais que qualquer "redemocratização" - exige que se brigue por uma espaço econômico, social, político e cultural para o povão. Briga comprada pelo próprio povo e por aqueles que se dispõem a lutar junto com ele, e jamais em lugar dele.

Finalmente, num Estado como o Piauí, dar forças ao processo de democratização da sociedade brasileira, exige, além do desmonte da máquina do autoritarismo "moderno", a luta contra o autoritarismo oligárquico que, quatro séculos depois, ainda alimenta o latifundismo. Sem se esquecer, é claro, de continuar usando os recursos públicos oligarquicamente (empreguismo, etc). Mas isso a gente desenvolve da outra vez.

Não se pode é esquecer: uma "abertura" para o povo - isto é, o reforço do processo de democratização da sociedade brasileira - só se concretizará se forem quebradas as grades do autoritarismo "moderno" e derrubadas as porteiras do autoritarismo oligárquico.

## DEPUTADOS ROUBAM BOLSAS

O presidente do Diretório Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras CCHL da Universidade Federal do Piauí, estudante Cacá Resende, denunciou alguns deputados federais piauienses, que estão conseguindo votos de alunos dando estágio em Brasília, sem que esses alunos se submetam a uma prova como era feito antigamente.

E que naturalmente surgem vagas na Câmara Federal em Brasília para estágio de estudantes, especialmente na área de Ciências Humanas e Letras. Antigamente o número de vagas era enviado ao Diretório

Setorial e esta realizava um concurso para escolher os candidatos mais aptos.

No entanto alguns deputados piauienses que conhecem o assunto estão escondendo as vagas e as dão para quem querem e os alunos escolhidos muitas vezes não precisam, conforme denunciou Cacá Resende.

"Essas vagas vêm geralmente para o CCHL e nós fazemos um concurso para escolher os estudantes mais capacitados para o estágio em Brasília. Mas, ultimamente, os deputados do Piauí se apossam das vagas e as distribuem para alunos protegidos seus, prejudicando a

maioria dos estudantes pobres que anseiam por um estágio desses", explicou o presidente do Diretório Setorial do CCHL.

Ele disse que, em consequência disso, muitos estudantes estão revoltados e querem uma solução para o problema. As vagas saem geralmente no mês de novembro, mas as nove vagas deste ano para os alunos do Piauí para estágio de uma semana na Câmara Federal em Brasília com despesas pagas pelo órgão, já estão comprometidas. Não haverá sorteio porque os deputados que "pegaram as vagas" já colocaram gente sua.